



OLINDA P. GIL

Olinda P. Gil começou pelas listas, a seguir passou aos contos. Publicou num jornal nacional. Pelo meio estudou Literatura, apaixonou-se pelos antigos, por Lisboa e deixou sair textos em publicações obscuras. Nem sabe como chegou a adulta. Tem tido trabalhos muito díspares, coisa própria da idade. Gosta de contos. Gosta de Literatura Portuguesa. Gosta de autoras. Continua a sonhar em ser escritora. É Alentejana.

OLINDA P. GIL

SUDOESTE

coolbooks

Ou como a própria Sophia num café em Porto Covo, os
dedos da mão direita dedilhando enquanto a esquerda
segurava o cigarro, nessa tarde em que ela queria
seguir para Lisboa por uma estrada junto ao mar, ainda
hoje sinto remorso de lhe dizer que não havia estrada
nenhuma, ela insistia que sim, havia uma estrada no
poema que ela estava a dedilhar e não devíamos ter
hesitado, devíamos ter ido com ela por essa estrada fora.

Manuel Alegre, *O Miúdo que Pregava Pregos numa Tábua*

Índice

O Mar e as suas Brumas	9
<i>Eros et Psyché</i>	23
Aniversário	57

O Mar e as suas Brumas

Comecemos com o começo: a natureza a renascer e a primavera a tomar vida. Comecemos com o infinito. Com o mar, que tanto se lhe parece. Era o final de março, começo da primavera. Fazia um tempo comum. O vento abandonava o inverno e transformava-se numa brisa meiga. O sol surgia suave e em certas tardes já abafava as roupas que cobriam a pele. Dos campos pontuavam alegres as primeiras flores: delicadas, mas selvagens margaridas coloriam as colinas de branco e amarelo. As searas crescentes e a água abundante que transbordava dos regatos traziam bons prenúncios, confirmados pelos provérbios populares de boa sorte.

As manhãs ainda eram frias. Em especial perto do mar, onde eu sempre vivi e gostava de estar. O ar da praia cheirava sempre a sal e a iodo, quer fosse brisa para acariciar a face ou ventania para arreliar os cabelos. O bater das ondas fazia um barulho constante: o habitual silêncio das praias. Nos dias de inverno o mar enfurecia,

tornava-se medonho e clamava por respeito durante as tempestades. No verão tornava-se calmo e fresco, as pessoas banhavam-se nas ondas e secavam os corpos deitadas ao sol, na areia.

Em março a areia é fresca e húmida, com restos de algas entre os grãos. O areal está escuro, como açúcar de cana guardado numa arca e posto a descoberto para ser provado.

Com o nascer do dia cria-se uma leve neblina sobre o mar que vai ofuscando o horizonte, crescendo opaca até que se transforma em bruma e invade a praia. Com um abraço cerca o mar, a praia, as rochas e a mim.

Era final de março, princípios de primavera. Quase sozinha de pessoas, pois viver no campo, cuidar da terra e dar-lhe vida com a família é de conviver restrito. Camponesa jovem, filha única entre rapazes. Vivíamos perto do mar sem sermos pescadores: a praia perto de nós era de águas fustigadoras, de rochas duras. Só à linha é que, por vezes, se pescava. No verão, mesmo assim, na maré vazia, o mar dava-nos pequenos mimos como percebes, conquilhas, amêijoas, canivetes e caranguejos que serviam apenas de petisco guloso.

Podia ser só de gente, mas vivia numa multidão de mundo.

Sempre fora meu hábito visitar a praia nas manhãs de primavera. Mas conforme o meu corpo se ia aproximando da idade adulta as visitas tornavam-se uma sede pelo mar. O horizonte assemelhava-se ao infinito que me chamava e, por isso mesmo, sentia necessidade de estar na praia.

Houve uma manhã de brumas espessas que me confinaram o horizonte à imaginação. Envolviam tudo, parecendo também envolver o mundo. O ar estava húmido e salgado.

Descalcei-me para sentir a areia fria a entrar-me nos espaços dos dedos, a coçar-me a sola dos pés. Deitei-me no chão e toquei com o meu corpo no mundo. Enrolei-me melhor no xaile de lã que trazia sobre os ombros, para não me deixar arrefecer.

Fechei os olhos e ouvi a música do mar picado batendo na areia, nas rochas e nas falésias.

Gostava de levar horas até sentir os raios de sol sobre o corpo. Era sinal das brumas se terem dissipado, do horizonte ter voltado ao alcance dos meus olhos. E só abalava depois de o olhar durante largos minutos.

Nessa manhã, quando o sol já estava quente, abri devagar os olhos e olhei para o mar. À sua beira estava um homem. Nunca ninguém costumava vir à praia naquela altura do ano, por isso estranhei e fiquei curiosa. Estava sentado na areia, abraçado aos joelhos. Aproximei-me dele e verifiquei que não o conhecia: nunca o tinha visto, nem na praia, nem na aldeia, nem nos caminhos que nos circundavam. Ao chegar perto dele deitou os olhos sobre mim, atentos, a observar-me. Também o observei. Reparei no seu olhar cândido e bondoso, sentindo uma enorme compaixão. Eu tinha a minha casa, a minha família. E aquele homem parecia tão só...

Era um homem feito, mas ainda jovem. Os olhos escuros continham a placidez da vivência, a tez morena

mostrava os caminhos percorridos pelos anos. De constituição grande, musculado, parecia pronto a sair da contemplação e partir numa aventura.

A minha figura com certeza lhe mostrava fragilidade e inocência, saídas agora mesmo da adolescência.

Quando os nossos olhares se cruzaram, ele cumprimentou-me. E sorriu. De seguida, abalou. Percorreu a praia sereno e subiu uma ribanceira que levava à aldeia mais próxima. No topo dessa ribanceira era a entrada para a quinta onde eu vivia. Não retirei os olhos dele e só quando o perdi de vista regressei a casa. Subi sem pressa a ribanceira, o pó e a terra da estrada pareceram-me mais soltos e iluminados. A entrada da quinta apareceu mais misteriosa do que o costume e o pequeno portão de madeira, pintado de verde, mais convidativo. A brisa parecia afirmar o odor das malvas plantadas junto ao portão. Os loendros e as árvores que serviam de muro da frente estavam mais protetoras e mais acolhedoras. Passei o portão e percorri o caminho ladeado de alfazema que a minha mãe tinha plantado para abafar o cheiro dos animais. E o seu cheiro doce parecia mais intenso. Observei o terreno da quinta: as ovelhas a pastarem, as vinhas a despontar os rebentos; e achei tudo belo e maravilhoso. Os meus irmãos vinham a sair de casa e falaram comigo:

– Que bonita estás hoje! Pareces iluminada.

Perguntei-lhes se tinham visto passar aquele homem. Eles, entretidos com a lida da quinta, não tinham reparado em ninguém e, mudando para um assunto que mais lhes interessava, sugeriram-me:

– Mana, levas muito tempo sem sair aqui da quinta. Só vais à praia, mas não encontras com quem falar e te distrair. Daqui a alguns dias há feira na aldeia. Tens de vir connosco. – Concordei.

Na verdade, a minha vida circulava em torno da quinta, da praia e das escarpas do mar, raramente tendo contacto com outros sítios ou outras pessoas para além dos da minha família. Fiquei entusiasmada com a ideia. Lembrei-me que talvez voltasse a ver aquele homem no dia da feira.

Entrei em casa. A nossa casa era um lugar simples: sala, cozinha, dois quartos principais e um pequeno, por detrás da cozinha, que, de inverno, apanhava o calor da lareira. Esse era o meu quarto. Ali refugiei os pensamentos dominantes sobre aquele homem, a olhar pela janela virada a oeste, onde podia ver o mar e o pôr do sol.

Quando chegou o dia da feira acordei bem cedo, com a claridade do nascer do dia a entrar na janela do meu quarto. Sentia-me bem-disposta, feliz, quase em euforia. Quando os meus irmãos acordaram já lhes tinha preparado um pequeno-almoço farto, deixando-os bem satisfeitos e bastante alegres comigo. De seguida, abalámos, percorrendo a pé os dois quilómetros de distância que nos afastavam da aldeia. Segui sem esforço, na esperança de voltar a ver aquele homem. Levei o caminho na frente deles em passo rápido, obrigando-os a alguns passos corridos para me apanharem, ouvindo os seus sorrisinhos e questões pela minha pressa. Ao chegarmos à aldeia, os meus irmãos

impediram-me de ir direitinha à feira. Puxaram-me pela mão e entraram numa tasca:

– Que pressa é a tua? Deixaste-nos com sede! Vamos beber uma cerveja.

Sentámo-nos os três numa mesa arejada, perto da porta. Quando os meus olhos se habituaram ao escuro da casa, vejo o homem da praia, sozinho, numa mesa no canto mais isolado, onde bebia uma cerveja, tal como os meus irmãos. Os nossos olhares cruzaram-se. Ele esboçou um sorriso envergonhado, percebendo que eu estava acompanhada. Senti um calor surgir-me na face.

– Porque estás corada? – perguntou-me um de meus irmãos. Eu não lhe soube responder. Contudo, nem foi preciso. O meu outro irmão reparou para quem eu estava a olhar. E quem estava também a olhar para mim. Riram-se e não foi preciso dizer mais nada.

Ficaram inquietos e curiosos demais, e quando pagaram aproveitaram para perguntar ao taberneiro quem era o rapaz de rosto trigueiro que estava sentado numa mesa sozinho.

– Lembram-se de um rapaz que há uns quinze anos se foi embora sem dizer nada, e cuja mãe lhe mandava rezar quase todos os meses missas para que voltasse um dia vivo a casa?

– Sim. É esse o rapaz?

– Esse mesmo.

– Boa mulher a mãe dele. Mulher sofrida.

Foi com esta informação que me arrastaram para a feira, deixando-o para trás. Os meus irmãos foram ver

os interesses deles, animais e ferramentas, enquanto eu, sozinha, vagueava por entre as bancas. O ar prendia-se na garganta e os dedos tremiam, ao mesmo tempo que mexia nos molhos de tecido e roupa à procura de qualquer coisa que me despertasse o interesse. Mas os meus olhos percorriam aflitos a multidão, na esperança de encontrar a sua figura a qualquer momento.

E vi-o. Discreto e distante. Sem olhar para qualquer banca, para qualquer artigo. Sozinho, sem falar com ninguém, parecendo miraculosamente ausente de encontros e pisadelas. E estava a olhar para mim.

Apesar de o ar já me percorrer os pulmões mais desafogado, não me sentia menos tranquila. Sabia que ele me olhava e que me seguia, mas o que queria era que ele viesse falar comigo. Comprei um vestido bonito para estrear pela Páscoa, mas sem grande interesse nele. Apenas para que em casa não estranhassem que não trouxesse nada da feira. Estava a pagar o vestido quando o senti aproximar-se de mim, sem qualquer reserva. Direto, perguntou-me:

– Que idade tens?

– Não mais de vinte – respondi-lhe. Ele sorriu. Como eu era baixa, franzina, com os cabelos lisos, castanho claros e sardas no nariz, tinha um certo ar infantil. Apesar dos meus vinte anos, parecia ter menos idade.

– Pensei seres mais nova.

– E tu deves ter uns trinta, não?

– Não mais que isso. – Sorriu de novo, leve. Os seus olhos brilharam de modo diferente.

Um silêncio perturbador apoderou-se de nós, como se apenas quiséssemos saber a idade um do outro. Um rol de perguntas percorria-me a mente, mas a minha garganta não proferia som. Ele tossiu, educado, com a mão na boca.

– Aquela praia, onde estavas no outro dia, é bastante bonita, não é?

Soltei uma pequena gargalhada. Feliz por ele ter quebrado o silêncio, extasiada por ele falar na praia que tanto adorava e divertida com a sua atitude. Só lhe faltava falar do tempo!

– É! Eu tenho muita sorte. Como moro lá perto posso ir lá todos os dias.

Ele sorriu, esclarecido, e declarou que era provável que nos voltássemos a encontrar por lá. A seguir despediu-se de mim e abalou.

Quando os meus irmãos chegaram perto de mim, eu tinha perdido a noção de há quanto tempo estaria no mesmo sítio e na mesma posição, pensando naquele homem. Contudo, pelos comentários dos meus irmãos, passara pouco tempo, pois eles tinham assistido ao nosso encontro.

– A maninha está apaixonada!

Apaixonada... foi uma palavra que me encheu a cabeça até à manhã do dia seguinte, fazendo o tempo parecer lento. E a ansiedade com que aguardava a hipótese de o voltar a encontrar era a prova disso mesmo. Apaixonada...

Quando cheguei à praia, não fiz o costume. Não me descalcei para sentir a areia. Não me deitei no chão

para sentir o mundo. Não fechei os olhos para ouvir melhor o mar. Nem me importei com a brisa leve a tocar-me. Fiquei sentada, olhando para todos os lados, procurando o homem que perfumara a minha rotina, sem a certeza de ele voltar a aparecer na praia, mas nessa esperança.

Passado minutos, já as brumas se instalavam, vejo, antes delas se tornarem muito espessas, o seu vulto, a descer a ribanceira.

Acho que fiquei a sorrir, já nem sei. Não disse nada, a voz ficava-me presa na garganta. E os meus olhos nele.

E senti, de repente, que a praia era diferente, que o mar não vivia na sua solidão, que havia um mundo de plantas e animais que os habitavam, e os adoravam. Vi a sua beleza viva, para além dos sons e cheiros que antes me fascinaram. Tinha passado a partilhar a praia com aquele homem, o que me agradava e me fazia feliz!

Falámos dele. Nascido na aldeia, chegou mesmo a trabalhar no campo com os pais, nas terras dos outros. Não tinham quase nada. Pouco mais que uma pequena casa. De condição humilde, habituou-se a pouca coisa. E apaixonou-se pelo mar. Ia, sempre que podia, para a praia. Sobretudo em março, como eu. Mas faltava-lhe sempre qualquer coisa. Sentia uma ansiedade a crescer e o vazio que precisava de desaparecer, sem saber preenchê-lo. Teria uns dezasseis anos quando resolveu empreender a sua busca, sentindo um chamamento do mundo ou o chamamento daquilo que procurava fora da aldeia, de onde saiu para conhecer outras paragens

e vivências. Passou por miséria e abundância, percorreu quilômetros, conheceu gentes e outros mares, teve muitas mulheres sem amar nenhuma, sem conseguir encontrar aquilo que desconhecia ser, mas que procurava. Passavam anos... passaram anos. Sabe que ainda não viu tudo o que havia para ver. Sabe também que viu mais que qualquer outra pessoa. Terá visto demais, até. E resolveu voltar à praia. Primeiro à praia que à aldeia. Naquele dia em que nos vimos pela primeira vez.

Ia para lhe perguntar se já tinha encontrado aquilo que tanto procurava sem saber o que era, se já tinha preenchido o vazio que sentia, mas as palavras pareceram-me ridículas e intrusas perante as suas múltiplas vivências, comparadas com o meu pequeno mundo, que os meus dizeres se cerraram na garganta.

– Sabes – inicia deste modo a sua pergunta. – Conheces aqui perto, junto de um penhasco, umas ruínas de uma construção antiga?

Conhecia, mas havia anos que não ia lá, desde criança. Tinha, por vezes, brincado entre as suas paredes velhas com os meus irmãos. Era um local cheio de esconderijos e onde facilmente imaginávamos mistérios para descobrir. Conforme cresci, as visitas extinguiram-se: a paisagem árida, composta pelos rochedos de calcário vencidos pela erosão, e as ruínas a despontarem no céu azul punham-me pensativa, distante e triste.

– Gostavas de lá ir um dia?

Acedi. Talvez na sua companhia os mistérios daquele local se tornassem diferentes.